

O Massacre

O Massacre é uma metáfora morta que está a comer os meus amigos, a comê-los sem sal. Eram poetas e tornaram-se Repórteres Com Fronteiras; já estavam cansados e agora estão ainda mais cansados. ‘Atravessam a ponte ao amanhecer a pé’ e morrem sem rede no telefone. Vejo-os através de óculos de visão nocturna e sigo o calor dos seus corpos na escuridão; ali estão eles, fugindo dele ao mesmo tempo que correm para ele, rendendo-se a esta enorme massagem. O Massacre é a sua verdadeira mãe, enquanto o genocídio não passa de um poema clássico escrito por generais intelectuais na reforma. O genocídio não é apropriado para os meus amigos, porque é uma acção colectiva organizada e as acções colectivas organizadas recordam-lhes a Esquerda que os desiludiu.

O Massacre acorda cedo, banha os meus amigos em água fria e sangue, lava-lhes a roupa interior e faz-lhes pão e chá, depois ensina-lhes um pouco sobre a caça. O Massacre tem mais compaixão para com os meus amigos do que a Declaração Universal dos Direitos Humanos. O Massacre abriu-lhes a porta quando outras portas estavam fechadas, e chamou-os pelo nome quando as notícias procuravam números. Massacre é o único que lhes concede asilo independentemente das suas origens; as suas condições económicas não incomodam o Massacre, nem o Massacre quer saber se são intelectuais ou poetas, o Massacre olha para as coisas de um ângulo neutro; o Massacre tem as mesmas feições mortas que eles, os mesmos nomes que as suas mulheres viúvas, passa como eles pelo campo e pelos subúrbios e aparece de repente como eles nas notícias de última hora. O Massacre assemelha-se aos meus amigos, mas chega sempre antes deles às aldeias remotas e às escolas das crianças.

O Massacre é uma metáfora morta que sai da televisão e come os meus amigos sem uma única pitada de sal.

2013

Ghayath Almadhoun
Translated from English by Cobramor